

HISTÓRIA E MEMÓRIA NA LITERATURA: REFLEXÕES SOBRE A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA*

Juliana Bellini MEIRELES[√]

RESUMO

A literatura é uma forma de conhecimento que vai além da mera transmissão de informações, e permite uma compreensão mais profunda e sensível, tanto da vida como da sociedade. A história, por sua vez, trata da procura pelo conhecimento das ações realizadas pelo homem e a narração desses feitos. A partir de uma abordagem que desafia as noções tradicionais de como a história é compreendida e narrada, podemos aprender como ela é moldada por uma série de práticas sociais, discursos e perspectivas. Com base no argumento de que a história não deve ser vista apenas como eventos grandiosos liderados por figuras importantes, mas sim como um conjunto de práticas cotidianas, resistências sutis e formas de agência que se entrelaçam e moldam as experiências humanas, nos propomos a discutir obras literárias que nos convidamos a reconhecer a diversidade de vozes e perspectivas que contribuem para a nossa compreensão do passado. Dessa forma, selecionamos duas obras de Margaret Atwood - *The Diaries of Susanna Moodie* (1970) e *Vulgo Grace* (2017) para discutir a ficção histórica e a metaficção historiográfica. Buscamos entender as relações entre literatura, história e memória. O modo como elas se constroem na pesquisa do registro e também na prática de criar ficções que reescrevem ou reinterpretam a história.

Palavras-chave: Ficção histórica. Literatura. Metaficção historiográfica. Margaret Atwood.

* Artigo recebido em 26/04/2024 e aprovado em 01/07/2024.

[√] Doutoranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
E-mail: <ppg.julianabellini@gmail.com>

1 REFLETINDO SOBRE O PASSADO

Em 1843, Grace Marks, uma garota irlandesa de 16 anos que havia imigrado para o Canadá, foi condenada à prisão perpétua. Acusada de assassinar o proprietário e a governanta da casa onde trabalhava, a menina foi a julgamento sem ter a sua versão da história registrada. O advogado falou por ela, jornais falaram por ela, poetas falaram por ela, mas Grace nunca contou sua própria história. Por isso Margaret Atwood escreveu o romance **Vulgo Grace** (2017): para ressignificar a história dessa mulher, dando-lhe voz por meio da ficção.

A leitura dessa obra nos despertou o interesse para estudar a ficção histórica. Este é um gênero literário versátil, que permite recriar o passado em detalhes, transportando os leitores para mundos que já não existem, mas que continuam a ecoar no presente e na imaginação coletiva. Eventos históricos servem como pano de fundo para as tramas, e personagens reais frequentemente ganham vida nas páginas da ficção, entrelaçando-se com figuras fictícias que permitem explorar as complexidades, motivações e interações daqueles que viveram em outras épocas.

Jennifer Howell (2015) explica que a história escrita é baseada em técnicas narrativas, que podem ser formais ou registros informais. De toda forma, registros escritos oferecem uma experiência contemporânea ao leitor porque podem ligar o passado ao presente, e permitir uma interpretação subjetiva. Isso se intensifica, segundo a autora, nas narrativas de ficção historiográfica, ainda que elas sejam apresentadas na linguagem de seu tempo, e estejam preocupadas com as experiências vividas por pessoas que habitavam uma determinada era. Além disso, frequentemente incluem registros de discursos que podem ressoar na experiência do leitor contemporâneo.

Por isso, a partir da literatura de ficção historiográfica podemos imaginar como o curso dos acontecimentos poderia ter sido diferente, ou o que realmente aconteceu. Especialmente quando podemos conhecer a história a partir de vozes que não puderam ser ouvidas em seu tempo. Esse é um modo atrativo de convidar o leitor a refletir sobre o passado e encontrar paralelos com o presente.

2 HISTÓRIA, DISCURSO E MEMÓRIA

Costa Lima (2006) enfatiza que a literatura é uma forma de conhecimento que vai além da mera transmissão de informações, e permite uma compreensão mais profunda e sensível da vida e da sociedade. Em sua obra, ele disserta sobre os modos como os autores constroem suas narrativas e discursos, enfatizando a relação entre forma e conteúdo. Ressalta, também, a importância da intertextualidade na literatura, mais especificamente sobre a relação entre literatura e história. O crítico salienta como a primeira pode ser uma fonte valiosa para a compreensão de uma época e de suas contradições sociais, políticas e culturais. O autor disserta ainda sobre o modo como escritores retratam os contextos históricos, e como a literatura pode ajudar a iluminar aspectos da história que nem sempre são abordados por outras disciplinas.

Para o historiador francês, Jacques LeGoff (1990), o conceito de história se conecta com a procura pelo conhecimento das ações realizadas pelo homem e a narração desses feitos. Por sua vez, Michel de Certeau (2002) propõe uma abordagem que desafia as noções tradicionais de como a história é compreendida e narrada. Em sua obra, o autor argumenta que a história não é simplesmente uma narrativa objetiva e linear dos eventos passados, mas sim uma construção complexa, moldada por uma série de práticas sociais, discursos e perspectivas. Para ele, as pessoas comuns, através de suas práticas cotidianas e apropriações criativas do espaço e do discurso, contribuem para a produção de histórias que, muitas vezes, acabam ficando nas margens.

Certeau (2002) também argumenta que a história não deve ser vista apenas como eventos grandiosos liderados por figuras importantes, mas sim como um conjunto de práticas cotidianas, resistências sutis e formas de agência que se entrelaçam e moldam as experiências humanas ao longo do tempo. Assim, o autor nos convida a reconhecer a diversidade de vozes e perspectivas que contribuem para a nossa compreensão do passado. Desse modo, a natureza da história, as maneiras pelas quais ela é escrita, falada, imaginada, pesquisada, até mesmo performada podem nos ajudar a refletir de maneira autoconsciente sobre formas de conhecer e narrar o passado.

Sobre aqueles que escrevem a história, o autor explica que os historiadores confrontam presente e passado, de modo a costurar dicotomias

que visam explicar quem somos e criar identidades. LeGoff (1990) ressalva os desafios que o historiador tem ao contar o passado dentro do seu próprio contexto: cada período fabrica mentalmente a sua representação do passado histórico que narra, além de propor que mesmo um especialista seria incapaz de fazê-lo de modo completamente imparcial e coletivo.

O autor argumenta que na interpretação histórica é possível limitar as influências subjetivas, mas não se pode eliminá-las totalmente. Assim, para que possa exercer seu papel de consertar a memória coletiva por meio do seu trabalho de modo satisfatório, o especialista acredita que todo historiador deva sempre estar em contato com o trabalho de seus pares, como uma prática científica. Essa relação entre história e a reconstrução dos acontecimentos também está presente nas relações que estabelecemos entre este campo do conhecimento e a literatura.

Assim, como o pensar histórico sob a perspectiva de LeGoff (1990) e Certeau (2011) combate o mito da isenção, o mesmo ocorre quando debatemos a presença de fatos históricos em uma narrativa. Da mesma forma que devemos questionar o porquê de uma história ser narrada e quais conceitos foram conectados para contá-la, também é aconselhável pensar nas motivações e objetivos que nos levam a escrever sobre elas. Quando lemos sobre a história, devemos nos atentar para que discursos essa narrativa traz consigo, e a que memórias ela recorre.

Discurso, no entendimento de Eni Orlandi (2015), é o efeito de sentido, a prática de linguagem entre o homem e a realidade. Ele é capaz de conservar ou transformar o homem e a realidade em que vive, e é produzido na relação entre as condições materiais e as ideias, considerando também o contexto social, econômico e político. A linguista explica que são considerados produtos culturais e sociais, moldados pelas condições concretas da sociedade em que surgem. Isso inclui fatores como relações de classe, poder, dominação, exploração econômica e luta política.

Sobre a memória, Jaciel Valente e Luan Rocha (2024) nos lembram que ela pode ser utilizada de modos e por agentes variados. Tudo depende de como é administrada na sociedade. Os autores enfatizam que o conceito de memória se transformou bastante após a Segunda Guerra Mundial, mas em uma definição

mais, digamos, essencial, se refere às lembranças do passado. Isso significa que não é muito precisa.

Outra observação que os autores fazem é que a memória seria mais do que lembrança, mas também um depósito de ideias que não passaram por um processo de problematização. Isso incluiria atualizar os vestígios por meio de uma narrativa, o que resultaria na construção de referenciais sobre o passado e sobre o presente, alinhados às tradições e o contexto em que tal narrativa se encontra - uma luta de forças.

Valente e Rocha (2024) afirmam ainda que a memória é um elemento essencial da identidade. Isso nos leva à definição de memória discursiva de Eni Orlandi (2015), que consiste em aquilo que fala antes, em outro lugar. Esse conceito também está relacionado à ideia de que memória é um instrumento e objeto de poder.

LeGoff (1990) explica que se trata da propriedade de conservar informações, e que, graças a ela, o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Assim, o ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo, que tem a função social da comunicação, realizada pela linguagem, a qual é fruto da própria sociedade – ou seja, nós narramos histórias para nos lembrar.

Segundo o autor, dominar a memória e o esquecimento é uma grande preocupação das classes, grupos e indivíduos que lideraram ou ainda lideram as sociedades históricas, afinal, esquecimentos e silêncios da história são reveladores dos mecanismos de manipulação da memória coletiva. Logo, a memória constitutiva (ORLANDI, 2015) pode ser compreendida como o trabalho histórico da constituição de sentido.

Em suma, a partir do diálogo entre literatura, história, discurso e memória, buscamos entender como a ficção pode ser utilizada para questionar as estruturas de poder, as contradições sociais e as ideologias que se manifestam nos discursos. Lembrando que, para Marilena Chauí (1981), ideologia é um conjunto de práticas usadas como mecanismo de mediação, o qual define o que as pessoas pensam e o que as incorpora na sociedade, como regimes organizados e convencionados de verdade. Para entender como esses conceitos aparecem e interagem na prática, trazemos aqui alguns exemplos de obras selecionadas de Margaret Atwood, as quais nos proporcionam refletir acerca da ficção histórica.

3 FICÇÃO HISTÓRICA

A protagonista do romance **Vulgo Grace** (2017), Grace Marks, não era nenhuma peça-chave da história do Canadá - ainda que tenha se tornado célebre depois de ser acusada de assassinato - pelo contrário, era uma pessoa comum. E, para Certeau (2002), a história não deve ser contada apenas como eventos grandiosos liderados por figuras importantes, mas também por pessoas assim.

Lukács (2011) discute o romance histórico em seu livro **A Teoria do Romance**, no qual explora a evolução do gênero literário e sua relação com a sociedade e a história. Para o autor, o romance histórico desempenha um papel significativo na representação da história e na compreensão do desenvolvimento social, porque reflete as mudanças e contradições da sociedade em que foi produzido, abrangendo diferentes camadas sociais, conflitos e contradições.

Assim, podemos dizer que história é um termo fundamental neste trabalho, e a ficção é uma ferramenta poderosa para contar histórias: nos permite explorar elementos da experiência humana tocando em aspectos emocionais e psicológicos que ressoam profundamente com o público leitor.

Contudo, sabemos que a literatura reflete não apenas as características linguísticas e estilísticas de uma nação, mas também suas tradições, valores, identidade e, até mesmo, sua evolução ao longo do tempo. Ela é, por muitas vezes, um espelho da sociedade. Então, ao estudar a literatura de um país, podemos compreender melhor sua história, identidade, cultura, suas origens e as ideologias que moldaram sua trajetória e narrativas fundamentais.

A literatura canadense foi influenciada, ao longo de sua história, por uma grande variedade de tradições linguísticas, étnicas e regionais. Seus escritores exploram desde questões de identidade nacional até experiências individuais e coletivas dos cidadãos do país, de modo que a pluralidade acaba sendo refletida em muitas obras. Linda Hutcheon (1988a) é um nome renomado entre os que fizeram importantes contribuições para o estudo da literatura pós-moderna e da literatura canadense.

Seu trabalho se concentra na relação entre a ficção e a história, bem como nas questões de identidade nacional e cultural. Quando se trata da literatura canadense, Hutcheon (1988b) explora a forma como os escritores canadenses

abordam questões de identidade, pertencimento e representação da história e cultura do país. A autora acredita que a literatura canadense é rica em sua diversidade e reflete a complexa natureza multicultural do Canadá. Mas sua contribuição para nosso trabalho vai além disso, pois contamos também com seu conhecimento sobre ficção histórica.

Este termo se refere à prática de criar ficções que reescrevem ou reinterpretam a história de um país. Hutcheon (1988a) explica que essa forma de literatura frequentemente combina elementos históricos reais com elementos fictícios, criando uma narrativa híbrida que problematiza a noção de história como uma construção objetiva e imparcial.

Em soma, a autora explica que a metaficção historiográfica é uma poética na qual a ficção é historicamente condicionada, e que a história é estruturada discursivamente, em consonância com a teoria de Certeau (2002). Ela argumenta que os mecanismos aparentemente transparentes tanto do realismo literário quanto da escrita histórica são revelados como seletivos e acabam deixando transparecer relações de poder complexas.

Por mais que a literatura canadense seja fascinada pela história desde seus primeiros momentos, esse tipo de escrita só ganhou força nas décadas de 1970 e 1980. Trata-se de uma poética enraizada não apenas em realidades históricas, mas também sociais e políticas, e que está “explicitamente preocupada com os atos (e consequências) da leitura e escrita da história, bem como da ficção” (HUTCHEON, 1988b, p.14). Faye Hammill (2007) afirma que desde o século XVIII muitos poemas abordam um tema histórico, bem como peças teatrais, que, como os romances, são ambientados no passado, ou preocupados com ele, por vezes como um sintoma de uma necessidade de criar referências de uma história compartilhada.

Ainda sobre o exemplo do Canadá, a autora aponta que isso fica ainda mais evidente em textos produzidos até meados do século XX, porém, na contemporaneidade, a busca pelo passado do país tem sido acompanhada por um impulso para questionar a possibilidade de escrever histórias nacionais. E acrescenta que a literatura pós-moderna, tanto no Canadá como em diversos outros países, está preocupada em interrogar a história e levantar questões sobre quem tem autoridade para escrevê-la. São narrativas que questionam o

porquê de versões alternativas serem suprimidas, e até mesmo, se realmente é possível acessar o passado como um todo.

A impossibilidade de conhecer o passado sem mediação levou a uma intensa preocupação com o poder de moldar e distorcer que a memória e a nostalgia têm. Hammill (2007) também fala bastante, em seu trabalho, sobre a política e a ideologia presentes nas narrativas do passado. Ela se atenta ainda para a importância de documentos, imagens e pesquisa – além das maneiras pelas quais tais evidências são usadas na reconstrução (ou censura) do passado.

Camem Lima (2017) resume bem a metaficção historiográfica como uma leitura alternativa do passado, que pode, inclusive, ser crítica, por mais contraditório que isso possa parecer. É que esse tipo de ficção tem o poder de questionar a história por meio de olhares diversos, criando uma dinâmica entre o leitor e o escritor acerca da verdade, do que teria sido real.

Narrativas do gênero podem ser consideradas um ponto de partida para discussões e possíveis mudanças de olhar sobre a história oficial, e também de reflexões sobre a relação da escrita criativa com o fato. “Elas são capazes de produzir sentidos e não verdades” (LIMA, 2017, p.155), ou seja, “Se a história é reescrita conforme surgem novas evidências, a narrativa ficcional, especialmente a metaficção historiográfica, apresenta a necessidade de produzir novos sentidos” (LIMA, 2017, p.155).

Logo, podemos dizer que, em termos gerais, as narrativas pessoais se envolvem nos contextos históricos, políticos e religiosos mais amplos. É possível ler lugares e imagens, assim como textos escritos, na tentativa de recuperar o passado.

O trabalho de Margaret Atwood na prosa e crítica literária canadense é marcado pela versatilidade, pois sua obra é composta por diversos gêneros, tais como ficção científica, distopia e ensaios, mas é a sua ficção histórica que nos interessa aqui. E nesse quesito, a autora tem uma habilidade notável de trazer a história construindo imagens mais esclarecedoras – ou melhor dizendo, perturbadoras. Em geral, seus romances propõem novos olhares, capazes de problematizar a representação dos fatos históricos mesmo enquanto literatura.

4 A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM MARGARET ATWOOD: CONHECENDO O CANADÁ

The Diaries of Susanna Moodie é uma obra icônica da poesia canadense, escrita por Margaret Atwood. Publicado em 1970, o livro é uma coleção de poemas que explora a vida da escritora Susanna Moodie, uma imigrante britânica que viveu no Canadá do século XIX. Atwood reimagina a jornada de Moodie para o país, e sua luta para se adaptar a um ambiente completamente novo e muitas vezes hostil. Os poemas capturam a dualidade entre a beleza natural da terra e as dificuldades enfrentadas pelos primeiros colonos.

Atwood também examina questões de identidade, pertencimento e feminilidade através do olhar de Moodie, e sua experiência como mulher e escritora naquele período histórico.

As relações entre textos coloniais e pós-coloniais podem ser exploradas lendo *Roughing It in the Bush* (1852) ou *Life in the Clearings versus the Bush* (1853) de Susanna Moodie, e isso enriquece nossa compreensão dos poemas de Atwood (1970), mas, ao mesmo tempo, nos leva a revisitar os textos de Moodie e interpretá-los com um novo olhar. Assim, Atwood (1970) confronta o legado nocivo, arriscamos dizer, de imigrantes como Moodie, “para quem a Inglaterra permanecia um ideal enquanto o Canadá era ilegível, incompreensível e hostil” (HAMMILL, 2007, p.136. Tradução nossa.)¹. No entanto, ao ressuscitar Moodie, Atwood também reinscreve sua visão colonizadora, destacando sua influência na história do Canadá.

De maneiras diferentes, muitas obras exploram as relações de domínio e subjugação colonial, por isso é importante considerar até que ponto eles resistem ativamente a tais estruturas de poder e até que ponto as reforçam. Concordamos quando Hammill (2007) afirma que isso não significa que o valor literário desses livros seja determinado pelo seu nível de comprometimento com a descolonização da imaginação, mas que, ao ler obras canadenses de décadas e até mesmo séculos passados, é crucial estar ciente das ideologias de raça, nação, império e gênero que os moldaram.

¹ “for whom England remained an ideal while Canada was illegible, incomprehensible, hostile” (HAMMILL, 2007, P.136).

No caso da escrita histórica, a situação se torna mais complexa, pois o período em que o texto foi produzido, assim como o período em que é ambientado, tornam-se significativos. Na medida em que o presente informa nossa narrativa do passado, fazemos história a partir de uma relação de diferença, entre o presente e o passado. Assim, a história de um país não pode ser lida diretamente a partir de poemas e romances históricos, mas é por meio da leitura de ficção e poesia históricas que podemos descobrir novas perspectivas sobre o passado do Canadá, e também sobre as maneiras pelas quais ele foi escrito e interpretado em diferentes períodos.

A relação entre linguagem e poder é uma preocupação central na obra de Margaret Atwood como um todo, e é muito evidente em *The Journals of Susanna Moodie* (1970), porque explora a transformação da personagem Moodie de uma estrangeira para se tornar uma das vozes da nação terra. A sequência de poemas de Atwood tem como protagonista uma pessoa de fora do Canadá que se envolveu no processo de colonização e assentamento, e documentou isso, tornando-se um personagem icônico na história do país.

Estamos dando tanta ênfase na figura e no trabalho de Susanna Strickland Moodie (1803–85) porque ela é considerada a predecessora de Margaret Atwood. Além disso, suas obras tiveram grande influência na composição de *Vulgo Grace* (2017), a qual analisaremos nos capítulos posteriores. Conforme mencionamos anteriormente, Susanna cresceu em uma mansão decadente em Suffolk e foi obrigada a emigrar para o Canadá porque seu marido era um oficial aposentado com uma renda insuficiente para sustentar uma vida confortável na Inglaterra. Ao chegar no país, em 1832, a família se estabeleceu nas terras altas, ao norte do Canadá, e tentaram prosperar por meio da agricultura, mas não foram bem-sucedidos. Mais tarde, mudaram-se para a cidade de Belleville, que estava em ascensão.

As memórias de Susanna Moodie de seus primeiros vinte anos na colônia resultaram nas obras *Roughing It in the Bush* (1852) e *Life in the Clearings* (1853), que, posteriormente, foram canonizadas como clássicas entre escritores pioneiros. Hammill (2007) argumenta que isso se deve ao fato de que os poemas Atwood se tornaram extremamente populares. *The Journals of Susanna Moodie* (1970) consiste numa coletânea de vinte e sete poemas, juntamente com um **Posfácio** em prosa, que é parte integrante do texto, embora, segundo

o relato de Hammill (2007), às vezes seja erroneamente omitido em algumas edições.

No **Posfácio** de Atwood (1970, p.62) é possível notar que a reação de Moodie ao Canadá acabou se mostrando um legado do colonialismo: ela estava dividida, pois afirmava ser uma patriota canadense, mas, ao mesmo tempo, criticava o país com o distanciamento de uma estrangeira. Seus poemas enfatizam a lacuna entre a resposta de Moodie ao país e sua articulação em sua prosa, revelando as tensões ideológicas que deram origem à sua visão do Canadá como um lugar hostil e sinistro. Essa relação entre um sentimento do passado que se evidencia no presente é representada por Atwood no Posfácio de seu livro de poemas:

Talvez seja assim que ainda vivemos. Todos somos imigrantes neste lugar, mesmo que tenhamos nascido aqui: o país é grande demais para qualquer um habitar completamente, e nas partes desconhecidas para nós, nos movemos com medo, exilados e invasores. (ATWOOD, 1970, p. 62. Tradução nossa.)²

Embora esta citação apareça com certa frequência em trabalhos acadêmicos, não deve nos cegar para o fato de que ele próprio, até certo ponto, apresenta uma visão colonialista. Apenas os canadenses brancos podiam ser considerados imigrantes, e por isso não seria possível afirmar que todos no Canadá o são, porque isso exclui os povos aborígenes, que estavam naquelas terras muito antes que os brancos. Temos ciência de que a perspectiva de Atwood é diferente em outras obras, mas essa concepção de que os canadenses percebem a si mesmos como exilados em seu próprio país persiste no imaginário literário canadense como um todo.

Além do **Posfácio**, Hammill (2007) relata que a primeira edição de ***The Journals of Susanna Moodie*** (1970) também incluía um conjunto de colagens feitas por Atwood para ilustrar os poemas, e essas, também, podem ser consideradas parte do texto. Segundo a autora, várias delas representam Moodie e sua família como figuras recortadas, sobrepostas em uma paisagem representada com um visual diferente, o que evoca sua alienação da terra.

² Perhaps that is the way we still live. We are all immigrants to this place even if we were born here: the country is too big for anyone to inhabit completely, and in the parts unknown to us we move in fear, exiles and invaders (ATWOOD, 1970, p.62).

Os paratextos são um artifício utilizado com certa recorrência para reconstruir a história na obra de Atwood. **Vulgo Grace** (2017) é mais um exemplo em que eles acabam tornando-se parte constitutiva da trama: assim como o Doutor Jordan quer descobrir a verdade sobre a participação de Grace Marks no crime, o leitor também deseja desvendar esse mistério. E para além da narrativa, a autora insere trechos dos seus poemas, retirados de ***The Journals of Susanna Moodie*** (1970), recortes de um jornal da época, testemunhos de outras personagens famosas na história que registraram suas impressões ao ver Grace, e muito mais. Tudo isso para despertar um olhar dinâmico no leitor, que precisa cruzar informações de diferentes fontes, vozes, discursos, que ora legitimam, ora contextualizam - e até mesmo desestabilizam o leitor na relação entre história e ficção. Porém, pretendemos nos aprofundar no assunto à frente, ao analisar a obra sob a ótica da Análise do Discurso Materialista.

Enfim, ***The Journals of Susanna Moodie*** (1970) atesta uma necessidade antiga do canadense de descobrir suas próprias origens literárias e históricas, movimento que ganhou ritmo nos anos 1960 e 1970. A herança pioneira pode ser prejudicial de certas maneiras, mas também é mostrada como tendo um valor e interesse imensos em termos de compreensão da história do Canadá.

Depois das leituras apresentadas neste capítulo, podemos concluir que os autores canadenses utilizam a história de seu país como matéria-prima, mas sempre de modo crítico, a fim de refletir sobre as maneiras pelas quais os eventos históricos são registrados e transmitidos. Essa abordagem autoconsciente é particularmente marcante em textos contemporâneos, e a metaficção historiográfica é um subgênero importante dentro da literatura canadense. A escrita pós-colonial produzida no país parece estabelecer relações complexas com os textos e sistemas de valores de períodos anteriores, e ao encontrar inspiração no passado colonial, contesta as narrativas dos tempos do império.

As conexões relacionadas ao domínio, seja sobre a terra, sobre povos colonizados ou sobre a linguagem são exploradas em muitas obras com o aspecto histórico. Além disso, levando em conta as considerações de Hutcheon (1988b), percebemos que a preocupação do Canadá com sua própria história pode ser interpretada como um sintoma da urgência em estabelecer um senso

de identidade nacional em um contexto pós-colonial. Essa preocupação emerge na forma de uma busca pelo passado, e até mesmo faz com que figuras de outras épocas sejam ressuscitadas, especialmente aqueles que deixaram algum tipo de registro escrito, pois o texto criativo tem suas origens na pesquisa.

Parece haver uma diferença entre as recriações ficcionais de personagens famosos da história canadense, como a Susanna Moodie de Atwood (1970), e a reconstrução imaginada das vidas de pessoas comuns, como a autora fez com Grace Marks (2017), como veremos no próximo capítulo. Ainda assim, ambas foram baseadas em registros documentais, como jornais, fotografias e outros registros, oficiais ou não. Contudo, a imaginação tem seu papel na reconstrução histórica, então é sempre bom lembrar que essas personagens são fictícias.

5 A HISTÓRIA DE CADA UM: GRACE MARKS

No livro **Vulgo Grace** (2017) de Margaret Atwood, a oportunidade de dar voz à jovem Grace Marks parte das ações de um comitê de reformistas que acreditava na sua inocência, e Atwood (2017) se utiliza dos artifícios da ficção para inserir o Dr. Simon Jordan. O psicanalista estadunidense é contratado para descobrir a verdade sobre a participação da moça no crime, numa tentativa de libertá-la da condenação perpétua. Assim, o médico criado pela autora tenta desvendar se a protagonista cometeu o crime, e, caso a resposta seja positiva, se isso aconteceu conscientemente ou se estava desprovida de suas faculdades mentais, conforme sua defesa alegou.

Grace havia passado vinte e nove anos presa, parte na cadeia e parte em um manicômio. Aberto ao público como um zoológico, o asilo atraía leitores curiosos dos jornais para ver a assassina descrita tão grotescamente. Em 1872, ela foi libertada, se mudou para os Estados Unidos e, desde então, não houveram mais notícias a seu respeito. A ligação histórica entre o gênero feminino e a concepção de loucura é complexa, e influenciada por fatores culturais, sociais, religiosos, científicos e políticos.

Rita Couto (2013) explica que em sociedades da antiguidade, a noção de loucura se imbricava em preceitos místicos. As mulheres eram frequentemente relacionadas a estados de histeria ou possessões sobrenaturais. Na Idade

Média, explica a autora, tal concepção passou a se entrelaçar com a ideia de bruxaria. Posteriormente, durante o Renascimento, continua a autora, houve um aumento do interesse pelo estudo da psicologia e da mente humana, no entanto, muitas vezes as interpretações sobre a loucura ainda eram influenciadas por estereótipos de gênero. As mulheres eram frequentemente vistas como emocionalmente instáveis e propensas à loucura devido a sua natureza frágil, e este argumento era usado para justificar sua exclusão dos espaços públicos e tomada de decisões.

Durante a chamada Revolução Científica, em meados do século XIX, época em que se passou a história de Grace Marks, Couto (2013) explica que os avanços na medicina começaram a influenciar a compreensão da loucura, ainda que as teorias predominantes frequentemente perpetuassem estereótipos de gênero. O conceito de histeria, por exemplo, era amplamente associado às mulheres e considerado uma doença resultante de problemas no útero. Mulheres com expressões emocionais ou comportamentos considerados fora do comum eram frequentemente rotuladas como loucas. E isso nos ajuda a compreender algumas das razões que levaram Margaret Atwood a escolher Grace Marks como protagonista do seu romance.

Bell Hooks (2000) também disserta sobre como as normas sociais patriarcais e as expectativas de gênero frequentemente restringem as mulheres. Ela aborda a maneira como as vozes e experiências das mulheres são frequentemente desacreditadas quando elas falam sobre suas próprias lutas, e como isso pode levar ao isolamento, silenciamento e invisibilidade, tanto no âmbito íntimo, quanto no interpessoal, e até mesmo na esfera pública.

O homicídio do qual Grace Marks foi acusada saiu nos noticiários com demasiado sensacionalismo e se desdobrou em discursos conflitantes, os quais transitavam entre saúde mental, crime passional e inocência injustiçada. O advogado de defesa, por exemplo, alegava que a jovem não poderia ter cometido o homicídio porque não havia recebido educação formal, e nem desfrutava plenamente de suas capacidades cognitivas. Havia quem acreditasse na natureza dócil e servil da moça, ou quem dissesse que seus cabelos ruivos e olhos azuis eram bonitos demais para alguém capaz de matar (ou que eram exatamente as características físicas de alguém apto a fazê-lo).

O silenciamento que Grace sofria enquanto mulher naquela época foi acentuado pela sua condição de criminosa. Podemos acessar essas premissas por meio da intertextualidade, a qual Margaret Atwood utiliza para compor a narrativa. Paratextos como poemas e recortes de jornais da época aparecem em paralelo com a colcha de retalhos que Grace costura durante as sessões com o Dr. Jordan, enquanto conta sua versão dos fatos, nos permitindo entender melhor os discursos sobre aquela mulher.

Por conseguinte, também faz parte das discussões sobre o Discurso, no entendimento de Eni Orlandi (2015), o qual já mencionamos anteriormente. Assim, Análise do Discurso Materialista, que procede de uma escola de pensadores franceses, vem como uma ferramenta teórico-metodológica que pode nos auxiliar a problematizar as maneiras de ler a história e a ficção histórica. A abordagem mostra que não há ingenuidade no uso da língua considerando a relação da mesma com o sujeito e sua situação para compreender como objetos simbólicos produzem sentidos.

Esse instrumento pode nos ajudar a entender como Margaret Atwood (2017) se utilizou da ficção para questionar as estruturas de poder, as contradições sociais e as ideologias que se manifestavam nos discursos sobre Grace Marks. Contudo, uma análise mais detalhada caberia a uma outra pesquisa.

Entre os elementos que compõem o texto de Atwood, enfatizamos não apenas a questão da ideologia relacionada ao gênero, como já mencionamos, mas acerca da memória e esquecimento. Queremos entender o que ficou entre o dito e o não dito na história de Grace por meio do romance de Atwood. Verificar quais as formas do silêncio que se manifestaram nesse caminho, com o auxílio de Eni Orlandi (2015), e compreender a questão da memória, tendo como base o estudo de Márcio Seligmann-Silva (2003), que reforça o vínculo entre lembrança e esquecimento como parte fundamental da memória.

Afinal, a narrativa composta por lacunas de uma mulher, imigrante, de baixa classe social, amplamente retratada como criminosa e lunática, foi demasiado atraente para a mídia da época, e acabou se tornando parte da memória coletiva canadense. Assim, é possível afirmar que Margaret Atwood escreveu **Vulgo Grace** (2017) de maneira a ressignificar a história da protagonista, dando-lhe voz.

Em suma, visamos compreender ao longo dessa pesquisa como a literatura, especialmente a ficção histórica, pode proporcionar um espaço para que o processo de subjetivação de mulheres silenciadas ocorra a partir do estudo do caso da personagem Grace Marks. Acreditamos que ao analisar como a autora Margaret Atwood utilizou uma gama de artifícios narrativos que, ao serem compreendidos, podem abrir possibilidades para pensar a ressignificação da história de outras mulheres que também foram caladas, utilizando, mais uma vez, a literatura como ferramenta para negociar o passado.

Acreditamos que ficções históricas como esta permitem ao leitor se debruçar sobre questões centrais na pauta contemporânea, e ainda refletirem sobre o perigo de se concentrar em uma narrativa única, que raramente corresponde ao lado mais fraco do sistema social no qual estamos inseridos. Dessa forma, uma análise aprofundada do livro pode ampliar a compreensão dos fatores que influenciaram os processos identitários da protagonista, e as técnicas narrativas capazes de transformar perspectivas tradicionais, de modo a contribuir para futuras criações literárias com propósito semelhante.

Ao longo da história, a narrativa de autoria masculina produzida sobre a mulher tem contribuído para a consolidar estereótipos de gênero e imaginários distorcidos na ficção. Isso auxilia para a perpetuação da opressão e intolerância no discurso literário, historiográfico e até mesmo jurídico. Logo, ao reescrever a história, Margaret Atwood (2017) propõe o deslocamento do olhar instituído pelos mitos que estereotipam e demonizam Grace Marks, fossem eles sensacionalistas, especulativos ou até mesmo fantásticos, mas suficientes para incorporá-la ao imaginário de um povo.

Vulgo Grace (2017) ilustra a ressignificação do romance histórico enquanto gênero literário, propondo a reestruturação de narrativas numa perspectiva que desafia a ideia de versões únicas. A autora faz lembrar que histórias importam e, do mesmo jeito que podem ser usadas para expropriar e tornar maligno, podem capacitar, humanizar e dar voz a sujeitos marginalizados. Podem destruir a dignidade, mas também repará-la, e isso motiva essa pesquisa, tanto para estudar o romance quanto para criar novas histórias.

Especialmente se tratando da escrita ficcional feminina, capaz de desconstruir paradigmas que sobrevivem ao longo da história, buscamos neste trabalho refletir sobre o modo como a literatura pode resgatar vozes silenciadas.

E de que maneira pode ser transgressiva, tanto no nível ficcional quanto discursivo, utilizando-se de memórias e esquecimentos, entre o dito e o não-dito, para ressignificar narrativas cristalizadas ao longo da história

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, a ficção é criada a partir de algo, como nos ensina Ginzburg (2007). Logo, as fontes dos contos a serem escritos são as histórias dessas mulheres, o que implica traços de evidências do que aconteceu com elas. A ficcionalização dessas histórias pode permitir a compreensão da ideologia de gênero, das formas de dominação e coerção legitimadas que permeiam diversas instituições e sociedades. É preciso lembrar que o ser humano reconta histórias desde os primórdios de sua existência, e que a narrativa pode ser percebida como uma forma de reconstituí-las repleta de impressões.

Então, acreditamos que a literatura seja uma maneira de perceber a pluralidade que existe nas histórias que são contadas, e recorrer a ela seria propor uma reflexão, o que implica problematizar discursos. Portanto, esperamos concluir que ao articular técnicas de expressão literária possamos compreender melhor o mundo exterior, enquanto pesquisadoras e escritoras, além de enriquecer o mundo interior de cada leitor dos contos que forem produzidos.

Podemos concluir que a ficção histórica contemporânea frequentemente negocia diferentes versões da mesma história ou do mesmo evento histórico, chamando a atenção para as inadequações e tendências de cada relato, e para as relações de poder inerentes à escrita e interpretação da história. Não se tratam de histórias acessadas apenas por meio de registros textuais, mas que também estão inscritas no corpo das personagens e na paisagem dos lugares, fotografias e outros sinais visuais. Desse modo, as estruturas narrativas de romances e poemas históricos muitas vezes estão relacionadas à sua preocupação com as relações entre memória e nostalgia, ao mesmo tempo que se atenta ao registro e pesquisa, junto com o fazer dessa poética que é a metaficção histórica.

HISTORY AND MEMORY IN LITERATURE: REFLECTIONS ON HISTORIOGRAPHIC METAFICTION

Literature is a form of knowledge that goes beyond mere transmission of information, allowing for a deeper and more sensitive understanding of life and society. History, on the other hand, deals with the pursuit of knowledge about human actions and the narration of these deeds. From an approach that challenges traditional notions of how history is understood and narrated, we can learn how it is shaped by a series of social practices, discourses, and perspectives. Based on the argument that history should not be seen solely as grand events led by important figures, but rather as a collection of everyday practices, subtle resistances, and forms of agency that intertwine and shape human experiences, we aim to discuss literary works that invite us to recognize the diversity of voices and perspectives contributing to our understanding of the past. Thus, we have selected two works by Margaret Atwood - **The Diaries of Susanna Moodie** (1970) and **Vulgo Grace** (2017) - to discuss historical fiction and historiographical metafiction. We seek to understand the relationships between literature, history, and memory, and how they are constructed in research of records and also in the practice of creating fictions that rewrite or reinterpret history.

Keywords: Historical fiction. Literature. Historiographic metafiction. Margaret Atwood.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, M. **Vulgo Grace**. Trad. Geni Hirata. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

_____. **Survival: A Thematic Guide to Canadian Literature**. House of Anansi Press Limited: Ontario, 1991.

_____. **The Journal of Susanna Moodie: Poems by Margaret Atwood**. Toronto: Oxford University Press, 1970.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. São Paulo: Forense universitária, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo (SP): Brasiliense, 1981.

HAMMILL, Faye. **Canadian Literature**. Edinburgh University Press: Edinburgh, 2007. Disponível em:

<https://books.scholarsportal.info/uri/ebooks/ebooks7/degruyter7/2022-05-13/2/9780748629527>. Acesso em: 03 mai. 2023.

HOWELL, Jennifer. **Popularising History: The Use of Historical Fiction with Pre-Service Teachers**. Australian Journal of Teacher Education, v39 n12 Article 1 Dec 2014.

HUTCHEON, Linda. **A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction**. London: Routledge, 1988a.

_____. **The Canadian Postmodern: A Study of Contemporary English-Canadian Fiction**. Toronto: Oxford University Press, 1988b.

LEGOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, Camem Medeiros. **Pontos e contrapontos entre literatura e história: a metaficção historiográfica em "A ilha do dia anterior"**. Revista Claraboia. N 7. 2017. Disponível em: <https://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/109>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

VALENTE, J. R.; ROCHA, L. K. da. Relação entre história e memória na gestão da memória em Admirável mundo novo. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. e36433, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/36433>. Acesso em: 23 jun. 2024.